

DESIGNANTROPOLOGIA, CUIDADO E AUTOCUIDADO: reflexões sobre o alcance do design.

DESIGNANTROPOLOGY, CARE AND SELF-CARE: reflections on the scope of design.

MAIA, Alessandra Maria Silva Santos; Mestranda em Design; UFMA

alessandra.maria@ufma.discente.br

NORONHA, Raquel Gomes; Doutora em Ciências Sociais; ESDI-UFRJ

raquel.noronha@ufma.br

Resumo

Este artigo aborda estudo realizado em correspondências durante a elaboração de dissertação de mestrado (Maia, 2024) acerca do cuidado e autocuidado em situações de vulnerabilidade, por meio da designantropologia, em colaboração com mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Utilizando uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, que combina designantropologia e feminismo, o estudo explora a complexa relação entre o cuidado das mães e seu autocuidado. A pesquisa-ação permitiu a cocriação de estratégias para se pensar a qualidade de vida das mulheres copesquisadoras. Como resultados, este trabalho fornece, por meio de triangulação, percepções para abordagens mais eficazes e abrangentes de apoio às famílias em situações de vulnerabilidade, destacando a importância da participação ativa das mães na cocriação de políticas públicas, e sobre as abordagens qualitativas de pesquisa em design que são limitadas pela macropolítica.

Palavras Chave: designantropologia; cuidado; autocuidado; mães; TEA.

Abstract

This article addresses a study carried out in correspondence during the preparation of a master's thesis (Maia, 2024) about care and self-care in vulnerable situations, through designanthropology, in collaboration with mothers of children with Autism Spectrum Disorder (ASD). Using a qualitative and interdisciplinary approach, which combines designanthropology and feminism, the study explores the complex relationship between mothers' care and their self-care. Action research allowed the co-creation of strategies to think about the quality of life of women co-researchers. As a result, this work provides, through triangulation, insights for more effective and comprehensive approaches to supporting families in vulnerable situations, highlighting the importance of mothers' active participation in the co-creation of public policies, and on qualitative research approaches in design that are limited by macropolitics.

Keywords: designanthropology; care; gender; self-care; TEA.

1 Introdução

O design na contemporaneidade tem se relacionado de forma interdisciplinar com diversas áreas de conhecimento, notadamente com as ciências humanas e as ciências sociais. Este diálogo entre disciplinas é devido à necessidade de considerar as relações entre as pessoas, seus diferentes contextos, ambientes, artefatos, enfim, entre as coisas.

Ingold (2012) ensina que coisas são como fios vitais reunidos, como um lugar caracterizado pelo entrelace de várias situações e contextos onde a vida acontece. A interdisciplinaridade abrange coisas das áreas de conhecimento que se entrelaçam e vão se moldando quando se estuda ou pesquisa seguindo o fluxo da vida.

Halse (2008), em sua tese que funda a nomenclatura *Design Anthropology*, indica, sobre a relação entre tais campos, que os potenciais desta sinergia estão em trazer as capacidades descritivas da antropologia e o intervencionismo do design para esta relação. Pesquisar no âmbito desta a abordagem advém da necessidade de cocriação de possibilidades que contribuam para uma visão crítica sobre determinado tema. No caso da pesquisa em epígrafe, contribui para se pensar e intervir em uma situação de vulnerabilidade, na compreensão das relações de cuidado e autocuidado com um grupo de mulheres, mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que põem de lado a casa, a geração de renda, a relação conjugal para dedicarem-se ao cuidado integral de seus próprios filhos e filhas.

De nossa parte, pensando-se as questões da vulnerabilidade no Sul Global associamo-nos a abordagens da relação entre design e antropologia que enfatizam as linhas de poder que permeiam as linhas de vida (Anastassakis e Noronha, 2018; Izidio, Farias e Noronha, 2022). Em sociedades extremamente desiguais, diferentes das do contexto europeu, de onde teorizam Ingold e Halse por exemplo, entendemos tal associação como uma possibilidade de emergência de subjetividades, massacradas por um inconsciente colonial-capitalístico (Rolnik, 2018) que dilui as narrativas localizadas, histórias de vidas e consomem a vida por meio da cooptação de subjetividades.

Escobar (2016), quando se refere ao design como meio para a produção da autonomia, alude às práticas feministas e cosmologias e conhecimentos locais como caminhos para a autopoiesis de comunidades, referenciando-se Maturana e Varela. Para Escobar, as comunidades produzem o design de si mesmas, e para tal, acionam suas práticas criativas e o próprio cotidiano. Esta pesquisa apoia-se nessa reflexão, trazendo o próprio cotidiano das copesquisadoras como meio para a produção da imaginação de futuros.

Necessário ressaltar a importância das práticas de correspondência (Ingold, 2015, 2017; Noronha, 2023) como abordagem do que entendemos por designantropologia. Essa forma de escrita em que se juntam as duas palavras, é uma definição política sobre como se dá a relação entre os campos, de forma profunda e impossível de ser desconectada, na visão de Izídio, Farias e Noronha (2022).

Em revisão bibliográfica, a busca pelo termo *Design Antropology* (e também designantropologia, design e antropologia, adicionando-se em seguida o termo design participativo, devido à baixa incidência de publicações), em trabalhos acadêmicos durante o período de 2017 a 2022, conduziu ao encontro de 22 publicações, cujas palavras-chaves mais utilizadas foram dispostas em uma nuvem de palavras para apresentar as mais citadas nas publicações:

Figura 1 – Nuvem de Palavras com as palavras-chaves mais utilizadas dentro das temáticas Design Participativo e Design Antropology.



Fonte: Cabral, Ferreira e Maia (2022).

Esta nuvem de palavras da breve revisão de literatura em epígrafe mostra o lugar de destaque que se encontra o termo correspondência no contexto das 22 publicações analisadas.

A partir deste entrelace entre as disciplinas, realizaram-se correspondências em um centro de educação especial para a pesquisa que envolveu designantropologia, gênero, cuidado e autocuidado, tendo como copesquisadoras (assim denominamos as participantes, entendendo que em design antropologia pesquisamos com as pessoas e compartilhamos o lugar de autoridade) mães de crianças com transtorno do espectro autista.

As reflexões aqui desenvolvidas resultam da convivência com mulheres mães em um Centro de Educação Especial que compartilharam suas experiências e anseios no decorrer de encontros presenciais e remotos. Assim, considerando uma experiência profissional da primeira autora do artigo como pedagoga na instituição em que essas mães acompanhavam seus filhos autistas, chegamos à seguinte pergunta: como a abordagem designantropologia em comunidades vulneráveis contribui para a construção de redes de apoio, solidariedade e autocuidado?

Pretende-se, assim, com este artigo, refletir sobre os alcances e possibilidades que estudos em designantropologia propiciam no âmbito do cuidado e autocuidado em grupos vulnerabilizados, no caso mulheres mães de crianças com transtorno do espectro autista de um centro de educação especial localizado na capital do Maranhão, durante pesquisa para elaboração da dissertação de mestrado (Maia, 2024).

Metodologicamente, esta pesquisa exploratória, se deu através de diversos encontros, nos quais provótipos foram utilizados para a provocação da conversa, propiciando ambiente seguro para que as copesquisadoras pudessem revelar suas imaginações, desejos e dialogar com o processo de reflexão, em uma pesquisa de campo que durou cerca de 8 meses.

A análise das fragilidades relacionadas às questões de gênero – especialmente no que tange à escassez e dificuldade de acesso à informação sobre saúde, trabalho, formação profissional, cuidados, prevenção de doenças, violência doméstica e autocuidado de mulheres

mães de pessoas com deficiência, especialmente crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA) – revelou contextos que carecem do olhar de pesquisadores e das políticas públicas.

Estas situações destacam a necessidade urgente de propostas que ofereçam mais oportunidades e melhorias no desenvolvimento de políticas públicas para as mulheres copesquisadoras e para outras que vivenciam situações semelhantes. A partir do designantropologia, foi possível investigar como esta abordagem pode contribuir para a cocriação de possibilidades de cuidado para mulheres em situação de vulnerabilidade.

Deste modo, são narradas neste artigo as vivências com as copesquisadoras, interpretadas suas falas, que compreenderam diálogos mobilizadores de momentos reflexivos e de análise das possibilidades.

E especialmente, o estudo com as mães demandou atenção, tempo e cuidado, condições que se relacionam com a *response-ability*, que é um dos princípios da correspondência, que combina responsabilidade e habilidade responsiva (Ingold, 2020). Ressalta-se que foi gerada responsabilidade para com as mulheres mães da pesquisa, no sentido de expandir a reflexão sobre elas, contribuir para que alcance mais espaços.

Os itens que se seguem tratam, respectivamente, do aporte metodológico utilizado nas práticas de correspondências, e a partir da pesquisa-ação desenvolvida, aportar reflexões sobre o trabalho doméstico, cuidado, autocuidado e designantropologia, e as considerações finais.

2 Percurso metodológico e da pesquisa

A abordagem qualitativa, conforme Marconi e Lakatos (2010), nesta pesquisa, não só garante a robustez e a sensibilidade do estudo, que envolve subjetividades, mas também propicia um processo colaborativo e inclusivo, tratando das necessidades e vozes das mulheres em situação de vulnerabilidade, copesquisadoras.

Quanto aos objetivos é uma pesquisa exploratória. É exploratória, considerando que na pesquisa-ação, a formulação dos conceitos e a definição de ações acontecem conforme o desenrolar da pesquisa de campo em movimentos cíclicos, com interações entre as copesquisadoras, que podem, inclusive, fazer modificar a direção das ações (Santos, 2018).

A RSL é um método de pesquisa que oferece ampla confiabilidade quanto aos seus resultados (Atallah e Castro, 1998) e dada a insipiência e falta de referências na área sobre a relação entre designantropologia e autismo, uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL) foi realizada sobre esta associação temática e encontrou-se como resultado que há dentro do quantitativo de trabalhos que abordam o design participativo, poucas são ainda as que tratam de designantropologia.

Como método, realizou-se uma pesquisa-ação, que Franco (2005) classifica como colaborativa, crítica e estratégica, no sentido de que, respectivamente: quem faz a pesquisa participa da comunidade em que reside o objeto de estudo, o resultado da pesquisa ultrapassa os limites da reflexão, mas busca transformação social ou pelo menos tomada de consciência pelas pessoas da comunidade e na dinâmica dos encontros os pesquisadores se relacionam com as vivências das pessoas do grupo e se tornam também participantes da pesquisa, assim como os demais são copesquisadores da pesquisa. A pesquisa-ação é um método em que a pessoa que faz a pesquisa se envolve diretamente com o objeto da pesquisa, se colocando no lugar de

observador e observado (Santos, 2018).

A pesquisa-ação foi estruturada em várias fases, cada uma projetada para engajar ativamente as copesquisadoras e garantir que suas experiências e necessidades fossem centrais ao processo de design. Este método foi escolhido por sua capacidade de promover mudanças práticas e significativas através da colaboração contínua entre pesquisadores e copesquisadoras.

Noronha (2023) explica os princípios de designantropologia: reflexividade e subjetividade, haja vista são envolvidos na pesquisa e porque em designantropologia os participantes também são copesquisadores. Esta configuração de pesquisa pressupõe que designers, não designers, coisas de design, métodos, estruturas sociais são interdependentes, ou seja, a pesquisa em designantropologia possui caráter situado, para a projeção de coisas materiais ou abstratas (Simonsen *et al*, 2014).

O *locus* da pesquisa foi um centro de educação especial e a escolha das copesquisadoras obedeceu ao critério de acordo com o objetivo traçado durante a revisão de literatura, que de acordo com Lakatos e Marconi (2003), tem por finalidade revisar estudos realizados para levantamento de informações atualizadas referentes à temática, estudando a situação de mulheres, mães de crianças com TEA, muitas das quais enfrentam ou enfrentaram desafios relacionados à saúde, trabalho, formação profissional, violência doméstica, etc. E, sobretudo, mães que tivessem possibilidade, vontade de participar da pesquisa e especialmente que compreendessem seu papel fundamental enquanto copesquisadoras.

Os encontros aconteceram ao longo de um período de 8 meses, dos quais 4 foram presenciais, sendo que tinham duração média de 2 a 3 horas por sessão presencial. Os encontros remotos se deram através de diálogos esparsos por aplicativo de mensagens durante 4 meses.

Faz-se necessário ressaltar que a intenção seria realizar apenas encontros presenciais, mas o Centro entrou em reforma logo após o período de férias dos discentes e docentes da instituição e permaneceu por 4 meses com atendimento remoto.

Os princípios da reflexividade e da subjetividade orientadas por Noronha (2023) são princípios de designantropologia essenciais nesta pesquisa, garantindo que as perspectivas e experiências das participantes sejam integralmente respeitadas e integradas ao processo de design. Reflexividade refere-se à prática de considerar constantemente como os pesquisadores e suas interações influenciam o processo e os resultados da pesquisa.

Em todas as fases, foi incentivada a autorreflexão entre as copesquisadoras para que pudessem articular suas próprias experiências e percepções de maneira crítica, bem como a copesquisadora-autora realizou registros escritos e fotográficos dos encontros.

A partir da subjetividade vislumbra-se que as experiências individuais das participantes são centrais para a pesquisa e que suas perspectivas devem ser valorizadas, tendo como premissa as suas narrativas tendo como uma das finalidades a tomada de consciência sobre seus contextos.

Neste sentido, as histórias e narrativas pessoais das participantes foram compartilhadas e estas histórias foram tratadas como referências centrais para reflexão e análise. As rodas de conversas aconteceram de forma a promover um ambiente onde as participantes se sentissem confortáveis para compartilhar suas experiências e perspectivas sem julgamento.

Para garantir que a pesquisa fosse conduzida de maneira ética, foram seguidas as seguintes diretrizes: uso de termo de consentimento livre e esclarecido e concernente ao caráter confidencial das informações das mães, respeito e sensibilidade, e autorizações institucionais por meio da diretoria do centro de atendimento.

Todas as copesquisadoras foram informadas sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos envolvidos e seus direitos de participação ou retirada a qualquer momento sem qualquer penalização.

E a confidencialidade se deu por meio da garantia de proteção dos dados pessoais das copesquisadoras e da sua prole, bem como a utilização das histórias de vida compartilhadas apenas para fins de pesquisa. Respeito e sensibilidade são basilares, posto que a temática é de abordagem sensível referente às experiências das mulheres, especialmente no que tange a temas delicados como suas vivências e dificuldades, violência doméstica, cuidado e autocuidado.

Conforme tratado anteriormente, a pesquisa desenvolveu-se seguindo três fases: revisão de literatura, práticas de correspondências durante pesquisa ação e triangulação dos dados.

Durante a fase de Revisão de Literatura definiu-se o objetivo precípua da pesquisa tendo como ponto de partida a busca por aprofundar reflexões e conhecimentos sobre a abordagem designantropologia, compreendendo o estudo dos autores: Ingold, Noronha, Halse, Gatt, Tunstall.

A revisão de literatura, de acordo com Lakatos e Marconi (2003), é utilizada com o escopo de revisar estudos anteriores para levantar dados atualizados concernentes à temática. Nesta etapa também aconteceram as reuniões iniciais com a gestão do centro de educação especial com escopo de apresentar o projeto e obter seu consentimento para realizar a pesquisa no Centro. Ao ampliar a revisão de literatura, buscou-se o entendimento das contribuições da designantropologia na criação de soluções de cuidado que atendam às necessidades das mulheres em situação de vulnerabilidade.

As práticas de correspondências aconteceram na segunda fase da pesquisa, contudo não há como ter um princípio ou fim, porque, na concepção de Ingold (2017), e se prolongam com o tempo, relacionam-se à temporalidade, à atenção da pesquisadora ao tema, às pessoas, ao ambiente da pesquisa.

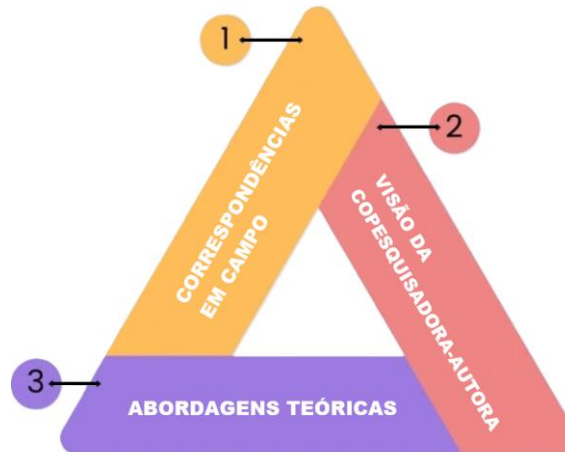
Noronha (2023) as conceitua como uma filosofia e, portanto, não possuem função de um método, com princípio, meio e fim. Ao longo da aproximação com as copesquisadoras, objetivou-se conhecer as experiências das mães, através de suas narrativas, momento em que expuseram suas necessidades e desafios.

As atividades realizadas neste momento da pesquisa foram: rodas de conversa e sessões de grupo focais, eventos criativos, com ações planejadas pelas copesquisadoras para momentos de cocriação e mapeamento de dados qualitativos.

Estas sessões foram conduzidas tanto presencialmente quanto de forma remota, dependendo da disponibilidade das mães e do Centro onde foi desenvolvida a pesquisa-ação. E seguindo o fluxo das relações estabelecidas, foram feitos os registros dos debates, diálogos, discussões, resultados, ideias compartilhadas, narrativas, histórias de vida, coisas da comunidade, etc.

A fase final, com a triangulação dos dados (Minayo, 2010), possibilitou a reflexão a partir do entrecruzamento de autores ligados aos temas abordados na pesquisa, das correspondências em campo, que incluem anotações, falas, fotografias, gravações e da visão da pesquisadora (Figura 2).

Figura 2 – Triangulação dos dados.



Fonte: Copesquisadora-autora.

A relevância desta fase se dá pelo caráter de validação das informações obtidas por meio dos princípios de reflexividade e de subjetividade presentes na abordagem de designantropologia. Esta fase teve o condão de combinar elementos da teoria com os das correspondências em campo e a visão da pesquisadora.

O item 3, a seguir, apresenta uma síntese da abordagem teórica da pesquisa, mapeada durante a primeira fase, a revisão de literatura. No item 4, tais conceitos se articularão, em triangulação, com as correspondências em campo e com a visão da pesquisadora.

3 Entrelaçando trabalho doméstico invisibilizado, vulnerabilidade, gênero, designantropologia e cuidado

Trabalho é uma palavra que vem do latim *tripalium*, que por sua vez significa sacrifício, pena punição, fadiga, por remeter a instrumento de tortura que utiliza a mesma expressão latina para designá-lo. A partir do exame do conceito etimológico, tem-se que o trabalho compreende atividades que exigem certo grau de desgaste, ainda que a pessoa trabalhe com o que gosta, em troca de capital para adquirir coisas e bens que lhe sejam necessários ou estimados.

O trabalho doméstico, por sua vez, situa-se como um conjunto de tarefas com limitações reduzidas acerca de onde e como começa e termina. Especialmente as mulheres foram designadas socialmente para realizar tarefas domésticas, situações que vão além de questões profissionais, permeando seu cotidiano (Federici, 2019).

Mulheres são cobradas por uma jornada, no mínimo, dupla de trabalho, precisando realizar atividades profissionais fora de casa, para contribuir com o sustento da família, e atividades dentro de casa, lavando, cozinhando, estendendo, dobrando, passando, varrendo, etc.

A sociedade patriarcal tem, historicamente, disseminado a ideologia de que o trabalho doméstico pertence exclusivamente às mulheres (Federici, 2019), gerando-lhes desgaste físico, mental e emocional, cuidando dos que estão ao seu redor em via de mão única, sem receber cuidado como retribuição nem como simples oferta. Ou seja, até quando conquistam direitos, a desenvolver-se acadêmica e profissionalmente, por exemplo, as mulheres permanecem em desvantagem, pois os cuidados da moradia e com os filhos, quando os possuem, muitas das vezes, são tidos como se fossem responsabilidades apenas suas.

Ahmed (2018) pondera sobre a importância de que as mulheres percebam suas fragilidades, reconheçam suas vulnerabilidades para compreender suas lutas contra estruturas de poder internalizadas socialmente, compreendendo a estrutura que as rodeia e na qual estão também inseridas. Enquanto não percebem suas vulnerabilidades permanecem sendo exigidas em seu máximo recebendo o mínimo, inclusive, recebendo os menores salários quando de seu exercício profissional, sem conseguir romper com as estruturas vigentes.

O feminismo traz consigo ideologias – reflexões, ideias e ideais – através das quais as mulheres se movimentam de forma a buscar romper com limitações impostas pela sociedade patriarcal. Neste sentido, cada mulher que conhece e vivencia o feminismo gera mais movimento e mais se expandem o feminismo e as conexões com mais mulheres (Ahmed, 2018). A autora aduz que a vivência do feminismo requer questionar o mundo e tornar as todas as coisas passíveis de questionamento. Significa questionar os sistemas de poder existentes e desafiar as estruturas patriarcais. Quando as mulheres percebem e compreendem suas próprias vulnerabilidades, tornam-se mais conscientes das injustiças, lutas que enfrentam e das maneiras pelas quais são exploradas, subvalorizadas e vulnerabilizadas.

A palavra cuidado origina-se etimologicamente do latim, significando “cura”, sendo este vocábulo usado como representação de ações que revelam desvelo, preocupação e interesse por pessoas ou coisas pelas quais se nutrem bons sentimentos (Zoboli, 2003).

Bellacasa (2017) faz a diferenciação entre cuidado e preocupação, tendo a primeira palavra sentido que expressa valores de cunho éticos e emocionais intensos, porém repletos de delicadeza e a segunda, traz uma sensação de busca por superação de problemas e emoções densas.

O Design, na perspectiva de cuidar, compreende pensar no acolhimento das pessoas a preocupação em cocriar possibilidades de bem-estar e qualidade de vida dentro da comunidade envolvida na pesquisa. Mourão *et al.* (2022) destacam o caráter curativo e o bem viver (Acosta, 2019) gerado por meio do fazer colaborativo que práticas em designantropologia proporcionam. Assim, design *para* e *como* cuidado coaduna-se com a abordagem em designantropologia.

Designantropologia, uma área emergente que combina os métodos de pesquisa antropológica com a prática do design, tem sido fundamental para a construção de percursos de pesquisas engajados com a vida, promovendo a vida, a superação do antropoceno em direção ao paradigma biocêntrico (Noronha, 2023). Designantropologia é uma abordagem que tem por característica promover a inclusão e a equidade, já que incentiva a participação ativa das comunidades no processo de design (Gunn *et al.*, 2013).

O conceito de cuidado está intrinsecamente ligado às discussões sobre vulnerabilidade de gênero. Tronto (1993) define cuidado como uma atividade genérica que inclui tudo o que fazemos para manter, continuar e reparar nosso "mundo" de modo a viver da melhor forma possível. No contexto das mulheres, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade, o cuidado, como um direito social, assume uma dimensão ainda mais crítica. De acordo com Butler (2012), a vulnerabilidade é uma condição inerente à existência humana, mas é exacerbada em grupos marginalizados devido às desigualdades sociais e de gênero.

Mulheres em situação de vulnerabilidade frequentemente enfrentam desafios adicionais relacionados à saúde, trabalho, formação profissional e prevenção de doenças. Estes desafios são amplificados pela falta de acesso a informações e recursos essenciais.

Segundo Fraser (1997), as injustiças de distribuição e reconhecimento são centrais para compreender as dificuldades enfrentadas por mulheres em contextos de vulnerabilidade. A falta

de recursos econômicos e a ausência de reconhecimento social adequado impedem que estas mulheres alcancem uma vida digna e plena.

Design tem um papel crucial na mitigação das vulnerabilidades, especialmente quando utilizado para criar soluções que são sensíveis ao contexto e às necessidades dos usuários. A abordagem participativa no design, promovida pela abordagem designantropologia, é particularmente eficaz nesse contexto.

4 Reflexão sobre o alcance da abordagem designantropologia a partir das narrativas das mães durante as correspondências

Refletir relaciona-se com atencionalidade, pois significa voltar a pensar sobre alguma coisa sobre a qual se deteve a atenção (Ingold, 2016). No caso, a atenção da pesquisa esteve voltada para os diálogos com as mães. As proposições realizadas mobilizaram diversas reflexões acerca das quais este item se destina: narrar e debater os encontros com as mães durante a pesquisa-ação.

Os encontros se deram de forma presencial e através de diálogos através do aplicativo *Whatsapp*. Os momentos presenciais ocorreram nos meses de agosto a novembro de 2023. E os momentos de diálogo remoto ocorreram nos meses de fevereiro a maio de 2024. A intenção inicial seria desenvolver as atividades de campo em momentos estritamente presenciais, porém no retorno do ano letivo de 2024, o Centro foi contemplado com uma reforma, ficando fechada ao público até o momento da conclusão da dissertação de mestrado (Maia, 2024) que dá origem a este artigo.

4.1 Correspondências: encontro com as mães, tempo de espera e diálogos mobilizadores

Os materiais disponíveis, no caso, vivências, diálogos e narrativas entre as copesquisadoras moldaram as ações que foram se desenvolvendo durante o processo de correspondências.

O primeiro encontro diretamente com as mães da pesquisa foi marcado por apresentações, seu aceite em participar da pesquisa como copesquisadoras, explicações sobre designantropologia e sobre como aquele espaço e tempo estavam disponibilizados para que pudessem compartilhar seus pensamentos e suas histórias de vida, destacando que as ideias e cocriações seriam geradas coletivamente a partir do diálogo e da reflexão coletiva.

E as mães aproveitaram o espaço para conversar, abordaram a rotina com seus filhos, horários que frequentam o Centro, porém não falaram sobre si mesmas, mas sobre seus filhos. Foi perceptível que não costumam tratar sobre si mesmas, ainda que estivessem cansadas da rotina de cuidados com seus filhos. Estas primeiras falas revelaram muito mais do que as palavras foram capazes de dizer.

Como designer foi possível aproveitar o momento para observar se a sala disponibilizada, no caso o auditório do Centro, possuía móveis confortáveis para as mães ou se a disposição de objetos e cartazes era visualmente agradável, proporcionando condições de acolhimento durante o período de espera por seus filhos envolvidos nas atividades com a equipe multidisciplinar.

No entanto, sob a lente da abordagem designantropologia a análise ganhou contornos amplificados durante os encontros com as mães: observando os materiais que elas portavam consigo, algumas com o celular na mão, uma estava com uma sacola de onde se podia ver um

pedaço de linha e uma agulha de crochê, uma segurava seus óculos, outra trazia consigo uma garrafinha de água, outra com uma pasta de documentos. E todos aqueles materiais aparentemente faziam muito sentido de estar lá com elas.

Faziam parte de coisas que poderiam trazer para o momento de espera de 3 a 4 horas. Coisas compreendem uma diversidade de ‘aconteceres’ que se comunicam e convidam os interlocutores a se reunir também (Ingold, 2012). E ao mesmo tempo que as mães dialogavam, as coisas que traziam consigo também faziam parte desta reunião de ideias.

Disseram que levavam estas coisas para ajudar a passar o tempo, aliviar a tensão da rotina, materiais que fazem sentido para a sua vida e seu cotidiano, como os materiais de crochê, os celulares onde fazem uso dos *apps* que mais gostam, como os bíblicos, os de jogos, etc.

As mães que frequentavam o Centro há mais tempo reportaram que antes podiam ficar no auditório diariamente, no ar condicionado, conversando, crocheteando, descansando, utilizando o celular, lendo, mas não podiam mais ficar neste espaço. Falaram sobre o local em que passavam a manhã: elas passavam as manhãs sentadas em carteiras dispostas no *hall* de entrada. Não realizavam momentos de encontro, a não ser quinzenalmente quando convocadas pela direção do Centro para um momento de palestras. Foi perceptível que não era um hábito dialogarem todas juntas e que gostariam de ter momentos assim.

Em outra manhã de encontro seria retomado o diálogo, mas era necessário um mote, um ponto de partida, para gerar um ambiente de conforto para que as copesquisadoras se sentissem à vontade para expor ideias, reflexões e experiências relacionadas a si mesmas, para falar de si e de suas coisas. A conversa foi sobre sonhos e perspectivas para um futuro próximo, algo em torno de cinco anos.

A delimitação do tempo foi ideia de uma das copesquisadoras. A sugestão era conversar sobre sonhos e perspectivas para o futuro, sem delimitar tempo, mas ela argumentou que seria interessante se pudéssemos estipular um prazo para esse sonho, pois como pra ela a rotina é bastante intensa – assim como para as outras mães copesquisadoras – ela gostaria de tecer sonhos para um prazo nem muito curto e nem muito longo, algo como um médio prazo. E houve concordância entre os demais.

Na mochila, alguns materiais coletados do próprio cotidiano, sem um planejamento mais amplo, seguindo um dos princípios das correspondências, o da improvisação. Para Ingold, os designers são

“mestres da bricolagem, de juntar pedaços e peças de diversas proveniências de formas improvisadas e inesperadas [...] Visibilidade, tangibilidade e prototipagem estão todas envolvidas nisso. Mas essas qualidades e procedimentos estariam igualmente em casa em uma antropologia entendida como uma investigação experimental e especulativa, por meio do design, sobre as condições e possibilidades da vida humana. Isso é o que quero dizer com ‘design anthropology’” (Anastassakis e Noronha, 2020, p.4).

Essas qualidades, percebemos também nessas mães e nas relações com as coisas e objetos, e reproduzimos essa relação, coletando materiais que estavam disponíveis para o momento de troca e diálogo com as mães: palitos, balões, prato de plástico, lanterna. Materiais ou coisas de design que se relacionam com ideias que de modo metafórico fazem parte da vida de uma mãe, como dar à luz, iluminar os caminhos, alimentar esperanças, encher os balões com sonhos e até mesmo furá-los em uma representação de quando se está muito cansada ou desesperançada.

Figura 3 – Materiais utilizados na dinâmica.



Fonte: (Maia, 2024, p.52).

De modo isolado, estes materiais não teriam sentido, mas junto às narrativas, compreenderam metáforas, resultando em uma associação entre ideias que representaram possibilidades de combinação com aspirações, atributos, emoções e sensações das copesquisadoras naquele momento. Os balões foram cheios com os sopros de esperança de cada uma e para incentivar mais participações e motivar diálogos, houve a sugestão de usar os palitos para defender os sonhos. E nenhuma utilizou os palitos para espetar os balões das outras. Os semblantes das cuidadoras presentes transmitiam tranquilidade, cansaço, certa falta de vontade de expor ou atacar a outro. Sem a intenção de intimidar e de modo cuidadoso a copesquisadora-autora questionou tal quietude. E pouco a pouco algumas respostas começaram a ser verbalizadas:

“Acho que você esperava que fôssemos furar o balão uns dos outros, mas estamos geralmente tão ocupadas buscando conseguir ajudar nossos filhos que não pensamos em atacar ninguém”;

“A gente não conversa tanto umas com as outras, uns com os outros, mas a gente respeita muito as dores que enfrentamos por nossos filhos”;

“Quero que tenhamos pelo menos nossos sonhos de buscar o melhor pros nossos filhos, é a única esperança”;

“Aqui todo mundo sabe da luta de todo mundo”;

“As coisas são tão difíceis muitas das vezes pra todas nós. Temos noção das dificuldades de cada um e de cada uma aqui. Assim como eu não quero que destruam meus sonhos, não quero destruir os sonhos de ninguém”. (Maia, 2024, p.53).

As falas apresentadas obtiveram o apoio pelo olhar de cada pessoa presente naquele auditório, lágrimas no canto dos olhos de todas as presentes, pelo compartilhamento de valores tão cheios de dignidade e de respeito e amor às outras pessoas, ali tão presente naquela manhã de correspondências.

O uso e atribuição de significados às coisas do cotidiano, à luz de designantropologia, são improvisações que moldam a materialidade do mundo vivido. Para Escobar, essa materialidade advém da relacionalidade, entre diversos participantes que podem constituir um design no cotidiano, produzindo autonomia e produzido por meio dela. O design projeta mundos, seguindo as considerações do autor.

Os balões representavam os sonhos e nenhuma das participantes deste momento tentou

atacar os sonhos das demais. A intenção era apenas uma atividade para motivar diálogos, mas alcançou muito além, pois as mães explicaram que todos os dias precisam defender seus sonhos, enfrentar dificuldades e não querem atacar os sonhos de ninguém, principalmente de quem elas sabem que têm as mesmas lutas e dificuldades.

As copesquisadoras que disseram “Acho que você esperava que fôssemos furar o balão uns dos outros, mas estamos geralmente tão ocupadas buscando conseguir ajudar nossos filhos que não pensamos em atacar ninguém” e “A gente não conversa tanto umas com as outras, uns com os outros, mas a gente respeita muito as dores que enfrentamos por nossos filhos” esboçaram por meio de suas palavras o nível de cansaço e desgaste vivenciados, somado ao respeito genuíno pelos sonhos e dores que cada uma carrega.

Ao final deste momento agradeceram pelo momento, e disseram que se sentiram bem por participar, por poder se expressar e por este momento ter sido no auditório do Centro, com ar condicionado para amenizar o calor. Uma delas reafirmou: “Atualmente não temos mais espaço com o sofá aqui no auditório, então ficamos lá fora, percebemos que não tem a preocupação se está muito quente e acabamos nos isolando, ficamos cada um com seu celular” (Maia, 2024, p.54).

Chamou atenção também da copesquisadora-autora o vocabulário utilizado pelas mães, com presença de palavras e terminologias com significados diferentes dos que são usados comumente, representaram uma novidade.

Quando se referiam aos filhos que estudam no Centro, portanto pessoas com TEA, falavam que são atípicos e/ou neurodivergentes ou ainda neuroatípicos. As que possuem mais filhos, que estudam em outros locais, os chamam de filhos típicos. As mães, ao falarem de si e de suas vivências, ações, falavam que são mães típicas exercendo maternidade atípica. Uma das mães disse que queria confirmar se, além de exercer maternidade atípica, também era uma mãe atípica, que gostaria de investigar junto à equipe multidisciplinar (neurologista / psiquiatra e psicólogo) se também estava inserida em algum grau do espectro autista.

A narrativa acima, que conta como foi um dos encontros presenciais, contém uma amostra de como os demais encontros presenciais foram impactantes e com percepções das copesquisadoras, compreendendo trocas e reflexões sobre o cuidado com os filhos, a luta diária, por não conseguirem trabalhar fora, a exaustão do trabalho doméstico, que combina preparar comida, manutenção da limpeza da moradia, a rotina de ter que esperar os filhos no Centro, pois precisam estar lá para o caso de alguma intercorrência, desde engasgo até mesmo uma convulsão.

E os encontros presenciais ocorreram de agosto a novembro de 2023, e logo no início de dezembro as crianças e adolescentes assistidas pelo Centro ficaram de férias, e o combinado seria retornar em fevereiro de 2024, a depender do calendário da Secretaria Estadual de Educação.

As mães já haviam registrado, inclusive, desde o segundo encontro, atividades de autocuidado que gostariam de realizar nos próximos encontros, como orientações sobre *skin care*, caminhada pela quadra do centro, jogos com oráculos, pintura de quadros, etc.

Em fevereiro de 2024, veio a notícia da reforma do Centro, algo muito bom pois é um espaço com necessidade de manutenção constante, bem como é importante a construção de novos espaços para as crianças e adolescentes, bem como a remodelação dos já existentes. Mas veio igualmente a informação de que não haveria espaço para a continuidade dos encontros presenciais.

Como as aulas das classes especiais estariam acontecendo apenas de forma remota também. E desta forma as mães ficaram sobrecarregadas ajudando seus filhos com as tarefas e cuidados de modo absoluto, integral e sem intervalos. Então muitas dúvidas surgiram, preocupação sobre como poderiam acontecer práticas de correspondência remotas, *on-line*, via aplicativo *Whatsapp*.

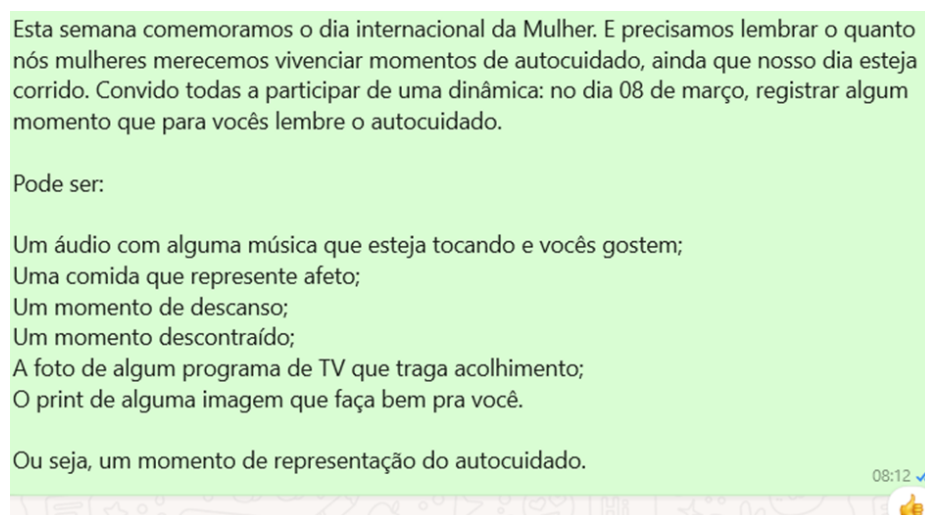
Inclusive, conforme explanado anteriormente, nos encontros presenciais houve o diálogo sobre aplicativos que as mães mais gostavam de usar, especialmente os que têm conteúdo relacionado à fé e à espiritualidade. Mas a utilização do *Whatsapp* até então se dava apenas com a finalidade de agendar a data dos encontros presenciais.

Buscaram-se as possibilidades disponíveis com os recursos que o aplicativo disponibiliza: envio de enquetes, imagens com reflexões relacionadas a pensamentos que pudessem fazer sentido para as mães copesquisadoras. E as mães simplesmente não conseguiam participar, poucas se revezavam respondendo às enquetes criadas. Mais uma vez, as poucas participações e respostas expressaram muito mais do que muitas respostas e palavras poderiam dizer: as mães não conseguiam ter tempo nem disposição para conseguir participar de momentos, ainda que respeitando um intervalo de tempo entre as proposições de atividades / diálogos de forma remota.

Havia um total de dez copesquisadoras no grupo de *Whatsapp*, sendo uma a copesquisadora-autora, que realizava as atividades com tentativas de mobilização para o diálogo ou para um encontro presencial. No entanto, menos da metade participava ou respondia.

Quando o Dia da Mulher se aproximou a atividade pensada para mobilizar uma possível conversa sobre autocuidado tinha a ver com a percepção sobre as possibilidades de desenvolver autocuidado. E a única resposta foi um “joinha”, como se pode verificar na imagem a seguir:

Figura 4 – Materiais utilizados na dinâmica.



Fonte: (Maia, 2024, p.66).

Uma das enquetes conseguiu um alcance um pouco maior, talvez porque demandasse menos ações, poucos cliques, mas ainda assim a participação foi muito baixa, especialmente quando comparada à participação nos encontros presenciais, quando era perceptível a satisfação das mães por ter um momento destinado a trocas sobre experiências e vivências em um ambiente favorável para que pudessem dialogar, pensar e refletir sobre si próprias.

Figura 5 – Materiais utilizados na dinâmica.



Fonte: (Maia, 2024, p.67).

Nesta atividade um total de 5 copesquisadoras responderam – contando com a resposta da copesquisadora-autora, que sugeriu a atividade –, das quais 4 marcaram a opção de que gostariam de poder desfrutar de um momento de autocuidado e 1 de que gostaria de ser acolhida com uma escuta atenciosa, mas a atividade anterior mostra pela ausência de respostas a dificuldade para realizar este momento e a falta de tempo para participar.

A copesquisadora-autora se questionou sobre o que poderia fazer a mais. Porém a primeira situação observada foi a falta de tempo que elas têm até para responder a uma simples enquete, demonstrando sua sobrecarga. Ficou evidente a falta de tempo até para dialogar com as outras mães.

Quando perguntava sobre retorno das atividades das classes especiais, observava que recebia mais respostas, com mais celeridade, do que quando enviava enquetes que poderiam ser respondidas de forma rápida, mas que por serem sobre elas mesmas, não respondiam.

Com a sobrecarga das tarefas de sua rotina de cuidados, as mães não conseguem tempo para outros afazeres que não sejam referentes às suas responsabilidades, as mulheres e mães da pesquisa relacionam-se ao conceito de “corpos dóceis”, de Foucault (2014), e têm amplificadas as suas fragilidades à medida que se encontram isoladas com sua/s criança/s neurodivergentes.

Através da abordagem de designantropologia a proposta de uma micropolítica, de cuidado e autocuidado, encontrou como barreiras a distância e a sobrecarga física / emocional. Neste contexto, a copesquisadora-autora sentiu que não poderia continuar propondo atividades, pois talvez estivesse gerando maior sobrecarga mental às mães da pesquisa.

4.2 Reflexões e debates

Presencialmente, foi possível perceber a necessidade que as mães têm de envolver-se em atividades coletivas, dialogando com outras mulheres, no sentido tanto de compartilhar vivências relacionadas ao cotidiano de cada uma como de observar que enfrentam vulnerabilidades na sua luta diária por melhores condições de tratamento e qualidade de vida para sua prole.

As mães copesquisadoras trataram sobre assuntos diversos: pátio onde ficam aguardando seus filhos terem as aulas nas classes especiais, a falta de ajuda para as tarefas domésticas que resulta na sua sobrecarga mental, emocional e física, as dificuldades relacionadas às políticas públicas de saúde mental e física para si e para seus filhos, seus sonhos a importância do Centro para seus filhos e para si, representando um momento em que recebem ajuda e têm tempo para conversar, assistir a vídeos do seu interesse ou simplesmente esperar sem fazer nada. As mães, ao tratar sobre suas esperanças e sonhos realizam a cocriação de trajetórias aspiracionais (Gatt, Ingold, 2013).

De acordo com bell hooks (2013, p. 247) “ouvir as vozes e os pensamentos individuais uns dos outros, e às vezes relacionar essas vozes com nossa experiência pessoal, nos torna mais conscientes uns dos outros”. Nos diálogos com as copesquisadoras não se buscou apontar as vulnerabilidades umas das outras, mas buscar um olhar voltado para as outras e para si.

A partir de ideias, falas, narrativas, reflexões e coisas das copesquisadoras – pessoas vulnerabilizadas – nas correspondências em campo, em uma abordagem que de forma cuidadosa, respeitosa, ética, com valorização da dignidade humana, buscou-se a prototipação de possibilidades. A abordagem designantropologia compreende processos disruptivos de design que impactam nas vivências das pessoas participantes e na aspiração por valores que consideram relevantes (Tunstall, 2013).

Quando o Centro entrou em reforma foi preciso articular uma forma de participação remota com uma única alternativa possível para o momento, via aplicativo de mensagens. Desta forma, a constatação de que as mães têm obstáculos praticamente intransponíveis que inviabilizam seu autocuidado foi a principal das respostas obtidas. As mães não conseguiam participar de atividades e diálogos propostos, ainda que estes fossem bastante objetivos com o intuito de não tomar tanto seu tempo e não lhes causar mais sobrecarga.

Através da abordagem designantropologia desenvolveram-se ações micropolíticas que beneficiaram o tempo de espera das mães por seus filhos durante as atividades do Centro, mas a questões relacionadas à macropolítica, como a reforma – é inquestionável a importância e a necessidade de reestruturar, remodelar, melhorar os espaços do centro de educação especial – reafirmou a situação de vulnerabilidade de falta de condições de tempo e espaço na sua rotina diária para o autocuidado, sendo um obstáculo temporal para a continuação da pesquisa com as mães.

As práticas que envolvem designantropologia fundamentam-se em princípios com ação micropolítica (Lagares; Farias; Noronha, 2022), trazendo à tona vozes não oficiais, invisibilizadas e vulnerabilizadas que emergem para participar das discussões e das tomadas de decisão.

Hernández (2018), propõe que se replique o *Método da Esperança*, explica que este método foi criado por Miyazaki e destaca a importância de pausar a agência, debruçando-se sobre os acontecimentos de um passado distante ou próximo para buscar recuperar o fôlego e a esperança, para um futuro retorno à agência.

Suspender a agência significa também ter esperança sugerida por Miyazaki (2004) com o

intuito de compreender as situações que se passaram e mirar as possibilidades de replicação, como que espalhando sementes de esperança em novos terrenos ou em outro momento.

Refletir sobre o método da esperança remete também ao esperar (Freire, 1992). Esperar pode ser entendido como a retomada desta pesquisa em um momento futuro, a motivação de novas investigações, o diálogo com gestores públicos sobre as possibilidades para as mães do Centro e de outros locais de atendimento a crianças e adolescentes com deficiências, ou até mesmo a realização de rodas de conversa informal com essas mães. Seguir o método da esperança implica em persistir, manter a direção, mesmo durante períodos de interrupção nas ações.

Paulo Freire (1992) descreve uma espera ativa e produtiva que contrasta com a passividade. Freire enfatiza que esperar com esperança genuína envolve engajamento e ação contínua, preparando o terreno para o futuro desejado. Ele ilustra essa ideia ao escolher a sombra de uma árvore para refletir sobre suas ações enquanto espera. Essa espera é cheia de trabalho, aprendizado e transformação pessoal, como indicado pelos calos nas mãos e a descoberta de novos sons e visões. Freire adverte contra aqueles que desestimulam a espera ativa, considerando-os inimigos da verdadeira esperança. Ele também desconfia dos que anunciam prematuramente a chegada do esperado, revelando uma falta de compreensão do processo genuíno de transformação.

A metáfora do jardineiro preparando o jardim para a rosa traz consigo a essência da espera produtiva e transformadora, uma espera que é simultaneamente paciente e ativa, orientada pela esperança de um futuro melhor. Esta citação sublinha a importância de uma prática reflexiva e participativa na construção de futuros possíveis, um princípio fundamental que orienta o estudo em questão.

É adotar a postura do jardineiro, conforme descrito na Canção Óbvia de Freire, e preparar o jardim e as sementes para a rosa ou a flor, como um girassol, que desabrochará trazendo novas esperanças e os futuros possíveis.

Adotar a postura do jardineiro de Freire e o método da esperança de Miyazaki também significa repensar o tempo acadêmico destinado à pesquisa em designantropologia, visto que é uma abordagem que necessita seguir o fluxo da vida e das coisas, gerando a necessidade de mais pesquisadores refletirem a respeito dos prazos, limitações, tempo e temporalidade nas pesquisas cujos objetos de estudo exijam sua presença.

5 Considerações finais

Com este artigo buscou-se refletir sobre o alcance da abordagem designantropologia na perspectiva da relação desta abordagem com cuidado de mulheres mães de crianças neurodivergentes.

A pesquisa que motivou este artigo se dedicou a abordar os desafios enfrentados por mães em situação de vulnerabilidade, procurando formas de criar soluções sensíveis às suas necessidades. Para tanto, adotou-se a abordagem designantropologia, que combina os princípios do design com os métodos da antropologia para tratar de questões socioeconômicas e de pessoas em situação de vulnerabilidade, como no caso das copesquisadoras.

Durante o processo de pesquisa, foram realizadas interações tanto presenciais quanto remotas com as mães. Estas interações revelaram aspectos importantes sobre as experiências

dessas mulheres, destacando suas lutas diárias, insatisfações, aspirações e os desafios enfrentados na criação de seus filhos. Através desses encontros, as mães se sentiram acolhidas e puderam compartilhar suas histórias, contribuindo umas com as outras e também com a pesquisa.

A pesquisa também explorou o impacto do tempo e da temporalidade nas vidas das mães vulneráveis. Foi observado como o tempo disponível que têm para elas mesmas impacta diretamente em sua capacidade de cuidar de si mesmas e de seus filhos. Além disso, corroborou-se como o Centro é importante para fornecer espaço e tempo disponíveis para que as mães possam desenvolver ações relacionadas ao autocuidado e dialogar com outras mães. Para o designantropologia (Noronha, 2023) e também para o design participativo (Del Gaudio, Franzato e Oliveira, 2014), a instância do tempo é um elemento que inclui ou que pode ser extremamente excludente, considerando-se o acesso a políticas de cuidado, assistência e implicações nas atividades de casa e cotidianas, liberando os não essas mães para o trabalho de imaginação, como concluímos ao longo da pesquisa.

Ao longo das correspondências foram consideradas situações relacionadas ao feminismo, cuidado, vulnerabilidade e políticas sociais. Tais temas foram fundamentais para compreender as complexidades das vidas das mães em situação de vulnerabilidade e para identificar maneiras de cocriar possibilidades no sentido de promover o autocuidado e tomada de consciência.

No entanto, apesar dos esforços para promover mudanças positivas, o estudo também enfrentou desafios, como a falta de continuidade das interações devido a reformas e outras interferências externas. Estes obstáculos sugerem a necessidade de mais flexibilidade de tempo de pesquisa para lidar com imprevistos e garantir resultados eficazes a longo prazo.

Apesar dos desafios, o estudo evidenciou o potencial da designantropologia para cocriar possibilidades significativas para vida das mães vulneráveis. A abordagem designantropologia oferece uma oportunidade única para criar soluções que sejam verdadeiramente sensíveis às necessidades e experiências destas mulheres.

Além disso, o estudo ressaltou a importância da interdisciplinaridade no design, enfatizando como o conhecimento de áreas como antropologia, direitos humanos, pedagogia e feminismo pode enriquecer e informar o processo de design.

Portanto, reitera-se a gama de possibilidades oferecidas pelo designantropologia, invitando outras/os pesquisadoras/es a explorarem esta abordagem interdisciplinar em situações que envolvam grupos vulnerabilizados, bem como considerem possibilidades relacionadas às limitações de tempo / espaço / duração da pesquisa. O design vai além da criação de objetos e produtos, engloba a cocriação de ideias, reflexões e tomadas de consciência que possam impactar diretamente tanto na qualidade de vida das pessoas quanto na busca pela satisfação de seus direitos e necessidades, como no caso do cuidado e autocuidado, especialmente das mulheres em situação de vulnerabilidade.

6 Referências

ACOSTA, A. **O Bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos.** Tradução de Tadeu Breda, São Paulo: Editora Elefante, 2016.

- AHMED, S. **Vivir una vida feminista**. Tradução de María Enguix. Barcelona: Bellaterra, 2018.
- MAIA, A. M. S. S. **Cuidado e autocuidado em situação de vulnerabilidade**: designantropologia para a cocriação de futuros possíveis com mães de crianças com espectro autista. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do MARANHÃO. 2024.
- ANASTASSAKIS, Z., & NORONHA, R. (2020). **Correspondências entre Design e Antropologia**. *Arcos Design*, 11(2), 1–6. <https://doi.org/10.12957/arcosdesign.2018.47514>
- BELLACASA, M. P. de La. **Matters of Care**: speculative ethics in more than human worlds. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.
- BUTLER, J. **Precarious life**: The powers of mourning and violence. 2004. *Horizontes antropológicos*. 18 (37): 25-44, 2012.
- CABRAL, S. C. R.; FERREIRA, I. L. V.; MAIA, A. M. S. S.; "Estado da arte: a contribuição da prática do design no mundo real", p. 251-260 . In: **Anais da III Jornada de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Design - UFMA**. São Paulo: Blucher, 2022.
- Del Gaudio, Chiara; Oliveira, Alfredo Jefferson de; Franzato, Carlo; "O TEMPO NO DESIGN PARTICIPATIVO", p. 957-969 . In: **Anais do 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design [= Blucher Design Proceedings, v. 1, n. 4]**. São Paulo: Blucher, 2014.
- ESCOBAR, A. **Autonomía y diseño**. La realización de lo comunal. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.
- FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.
- FRASER, Nancy. **Justice Interruptus**: Critical Reflections on the “Postsocialist” Condition. New York & London: Routledge, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido / Paulo Freire. – Notas: Ana Maria Araújo Freire Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho D’água, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido / Paulo Freire. – Notas: Ana Maria Araújo Freire Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FRY, T. **Design as Politics**. Oxford: Berg Publishers, 2010.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. 8ª reimpressão. Rio de Janeiro, Vozes, 2020.
- GUNN, W.; OTTO, T.; SMITH, R. C. **Design anthropology**: Theory and practice. Bloomsbury Publishing. 2013.
- HALSE, J. (2008) **Design Anthropology**: Borderland Experiments with Participation, Performance and Situated Intervention.
- HERNÁNDEZ, Maria Cristina Ibarra. **Entrelaçando design com antropologia**: engajamentos com um coletivo de moradores do bairro de Santa Teresa no Rio de Janeiro. 2018. 238 f. Tese (Doutorado em Design) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo

Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

INGOLD, Tim. **Antropologia para que serve?** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

INGOLD, T. **Chega de Etnografia!** A educação da atenção como propósito da Antropologia. In: Educação. Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, set./dez. 2016.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida:** emaranhados criativos num mundo de materiais, 2012.

IZÍDIO, L. L.; RIBEIRO, R. A. C. **Design e democracia:** análise metodológica para uma prática democrática de design participativo. In: 14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, vol. 10, n. 5, 2022.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, M. C. S. Introdução. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos:** Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.

MIYAZAKI, H. **The Method of Hope:** Anthropology, Philosophy, and Fijian Knowledge, Palo Alto, CA: Stanford University Press, 2006.

MOURÃO, N. et al. (2022). **Fazer para o bem viver:** notas sobre cuidado e felicidade em práticas criativas de mulheres no Maranhão. In: Noronha, R. et al. (orgs.). Design, Comunidades Criativas e Saberes Locais: experiências do PROCAD-AM (UFMA-UEMG-UFPR) (pp. 163-182). Editora Insight.

NORONHA, R. G.; FARIAS, L.; PORTELA, R. **Design, artesanato e participação:** reflexões para a autonomia produtiva de mulheres no Maranhão. Datjournal, v.7, n. 4, 2022.

NORONHA, R. G. Caminhos para designs outros. In: NORONHA, R. G. (Org.). **Correspondência como prática de design:** construindo caminhos no NIDA. São Luís: EDUFMA, 2023.

ROLNIK, S. (2018). **Esferas da insurreição.** Notas para uma vida não cafetizada . N-1 edições.

SANTOS, A. (Org.). **Seleção do método de pesquisa:** guia para pós-graduandos em design e áreas afins. Curitiba-Pr: Editora Insight, 2018.

SIMONSEN, J. et al. Situated Methods in Design. In: **Situated Design Methods.** MIT Press, 2014, p.1-21.

TRONTO, J. C. **Moral boundaries:** A political argument for an ethic of care. Routledge, 1993.

TUNSTALL, E. D. Decolonizing design innovation: design anthropology, critical anthropology, and indigenous knowledge. In: GUNN, W.; OTTO, T.; SMITH, R.C. **Design Anthropology:** Theory and Practice. London, New York: Bloomsbury, 2013. p. 232–250.

ZOBOLI, E. L. C. P. **Bioética e atenção básica:** um estudo de ética descritiva com enfermeiros e médicos do Programa de Saúde da Família. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2003.